

Lideranças políticas digitais, etnias e golpe na Bolívia (2019)

Autoria: Santh Brasilino da Silva¹

RESUMO:

Este artigo aborda as estratégias de discursos das lideranças políticas digitais durante o golpe de Estado na Bolívia em 2019, com foco nas figuras de Luiz Fernando Camacho Vaca, Marco Antonio Pumari Arriaga e Jeanine Áñez Chávez. O objetivo é analisar como esses líderes emergentes utilizaram as mídias digitais para instigar o desenrolar da crise política, buscando compreender a perpetuação desses discursos. A metodologia utilizada envolveu a análise de discurso e de forma qualitativa e quantitativa das postagens no Twitter/X desses líderes durante o período crítico de 20 de outubro de 2019 a 9 de novembro de 2020, com posterior análise de enquadramento, com ênfase na análise de conteúdo em termos de categorias como personalismo, discurso antissistema, discurso anti-partido, discurso anti-indígena e mito da miscigenação. O resultado do estudo aponta que essas lideranças utilizaram as redes sociais para promover discursos altamente personalistas e antissistema, enquanto também exploraram questões raciais e étnicas.

Palavras-chave: lideranças políticas digitais, Bolívia, golpe, racismo, etnias

1. Introdução

O fenômeno das novas lideranças políticas nas mídias sociais digitais e o contexto de crise de representação na América Latina é o que motiva e do que trata o presente trabalho. Buscamos analisar essas figuras, que têm demonstrado uma capacidade significativa de influenciar o cenário político por meio de seus perfis em redes sociais digitais. Através de posicionamentos políticos enérgicos e, muitas vezes, anti-sistêmicos, tais lideranças têm ocupado espaços que historicamente pertenciam a partidos políticos estabelecidos, apresentando discursos coercitivos a instituições democráticas e movimentos sociais (SILVA, 2021).

Essas lideranças digitais têm conseguido converter sua influência em posições políticas, utilizando o engajamento nas mídias sociais como palco para promover discursos anticorrupção e criticar políticas que consideram prejudiciais à sua representação (SILVA, 2021). Em particular, na Bolívia, o cenário político foi marcado por uma crise de representação, econômica e étnica, que culminou no golpe de

¹Graduando do bacharelado em Ciência Política da UnB

Estado de 2019 (BURGOA, KARLA REGINA ALVES, 2020; RAMIREZ, PAULO NICCOLI, 2023). Nesse contexto, as lideranças digitais desempenharam um papel central. Por isso, questiona-se: quais temáticas discursivas emergem dessas lideranças digitais no contexto boliviano? Como a questão étnica influencia seus discursos e interações?

A Bolívia, com sua diversidade étnica e a histórica luta dos povos originários por reconhecimento cultural, oferece um campo fértil para compreender o impacto de discursos que envolvem não apenas a política tradicional, mas também a construção da identidade nacional e cidadania. Este estudo propõe uma análise comparativa de três lideranças políticas digitais que se destacaram durante o golpe de 2019 na Bolívia: Luis Fernando Camacho Vaca, Marco Antonio Pumari Arriaga e Jeanine Áñez Chávez.

A investigação se concentra no período de 20 de outubro de 2019 a 9 de novembro de 2020, que abrange momentos-chave do golpe e suas consequências. O objetivo é compreender como essas figuras se comunicaram nas mídias sociais durante a crise política e quais discursos temáticos instigaram a relação com seus seguidores. Especial atenção será dada à forma como a pauta étnica foi abordada, um tema essencial para a formação da identidade e cidadania na Bolívia, especialmente em um contexto de tensões étnicas e políticas que atravessam o país.

Em 20 de outubro de 2019, a Bolívia realizou eleições presidenciais que determinariam o futuro da recente democracia do Estado Plurinacional. O líder indígena Evo Morales concorria ao seu quarto mandato. Seu primeiro mandato foi eleito sob Constituição anterior, entre 2006 e 2009; o segundo, já com a nova Constituição do Estado Plurinacional, ocorreu entre 2009 e 2014; e o terceiro, entre 2014 e 2019.

Além disso, Evo e seu partido, o Movimento ao Socialismo (MAS), enfrentavam um processo de descredibilização, impulsionado pela difusão de notícias falsas e pela participação da mídia. Primeiramente, houve a derrota no Referendo Constitucional de 21 de fevereiro de 2016, conhecido como 21F, que poderia autorizar seu quarto mandato. Em segundo lugar, surgiram notícias sobre o “caso Zapata”, que envolvia um suposto filho de Evo, supostamente fabricado com interferência norte-americana. Outro aspecto a ser considerado para a queda do quarto mandato de Evo são as novas estratégias dos grupos ultraconservadores e das elites econômicas e religiosas, que atuavam ativamente nas redes sociais digitais (RAMIREZ, PAULO NICCOLI,

2023), espalhando notícias falsas que criaram um imaginário político de um inimigo em comum e anti-MAS.

Nesta eleição, Evo disputava a presidência com seu principal adversário, Carlos Mesa. Morales venceu em primeiro turno, com 10 pontos percentuais de vantagem sobre Mesa, o segundo colocado. No entanto, a primeira parcial dos resultados foi divulgada no mesmo dia das eleições pelo serviço de *Transmisión de Resultados Electorales Preliminares* (TREP), uma empresa privada, apontando para a vitória de Evo Morales. A suspensão do TREP no meio da contagem de votos na noite da eleição, juntamente com a polêmica em torno do resultado, incentivou a difusão de notícias de que os resultados haviam sido alterados, apesar da continuidade da contagem oficial dos votos.

Em virtude da pressão internacional exercida pelo Secretário-Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), Luis Almagro, em sua rede social anteriormente conhecida como Twitter/X, opositores – tanto nacionais quanto internacionais – de Evo manifestaram-se em suas redes sociais, insinuando manipulação nos resultados das eleições.

Inicialmente, as mobilizações foram lideradas por setores das classes médias urbanas, grupos paramilitares de extrema direita com atitudes fascistas e grupos religiosos evangélicos fundamentalistas, que associavam a cosmogonia dos povos indígenas a crenças pagãs. Foram convocados por Carlos Mesa, Luis Fernando Camacho Vaca, candidato à presidência em 2020 e responsável pela violência em Santa Cruz, e Marco Antonio Pumari, responsável pela violência em Potosí. Por outro lado, grande parte da população de origem indígena, camponesa e mineradora se manifestou em apoio a Evo Morales, indígena de origem Aymará, portando a bandeira Wiphala, a bandeira do MAS e imagens de Morales (RODRIGUES, MARTHA RAQUEL, 2022; RAMIREZ, PAULO NICCOLI, 2023).

Ao longo de todo esse processo, a OEA, chefiada por Almagro, contestava a veracidade das eleições da Bolívia. Em suas redes sociais, no dia 21 de outubro, publica um informe desejando o segundo turno; em 23 de outubro, sem finalização da auditoria oficial, recomenda a anulação das eleições; em 10 de novembro, informa “manipulação e irregularidades”; e, em 10 de novembro, publica relatório que “confirmaria a fraude eleitoral”, conduzindo ao golpe do Estado Plurinacional. Outro

fato que inflamou o clima de desconfiança e a ideia de fraude foram as constantes mobilizações realizadas por plataformas como *Comprometidos Com Bolívia e Bolivia Dice No*. Somado a isso, destaca-se o Comitê Cívico Pró-Santa Cruz, formado por 24 setores da sociedade de Santa Cruz e 288 instituições político-empresariais e trabalhistas de direita que nunca aceitaram completamente a figura de Morales, tendo papel central na repressão aos indígenas (COSTA, L. C., 2022; RAMIREZ, PAULO NICCOLI, 2023).

Sob o comando de Camacho, as mobilizações ganharam força com grupos de choque, exercendo uma intensa concentração com discurso anti-Evo e anti-MAS, além de ter controle total sobre autoridades e meios de comunicação, generalizando a ideia de fraude. As narrativas generalizadas com a ideia de fraude foram vitais para a manipulação da opinião pública, e a adesão da polícia militar às mobilizações revelou o racismo estrutural na sociedade boliviana (BURGOA, KARLA REGINA ALVES, 2020). Segundo Martha Raquel Rodrigues:

“Uma onda de manifestações de oposição ao governo eleito tomou o país. Bandeiras Wiphalas foram queimadas em La Paz e Santa Cruz de la Sierra e os patches com a bandeira que representa os povos andinos foi rasgada dos uniformes da Polícia Boliviana, revelando, assim, o caráter racista da oposição de Morales, que nunca aceitou que um indígena governasse o país e se aproveitava do clima forjado de fraude para destilar o preconceito com os povos originários do país.” (RODRIGUES, 2022 p. 151-154)

Outro aspecto que merece destaque na contextualização do golpe de 2019 são as lideranças que emergiram, tornando-se lideranças políticas digitais (SILVA, 2021). Para compreender esse novo contexto, faz-se um esforço para teorizar sobre a emergência de lideranças políticas digitais em contextos de golpe de Estado. Sendo assim, Joscimar Souza Silva, doutor em Ciência Política, teorizou que as lideranças políticas digitais são personalidades sem vínculos prévios a partidos políticos ou à carreira política, com discursos coercitivos sobre movimentos sociais e instituições democráticas. Seus posicionamentos políticos no ambiente das mídias sociais digitais têm sido demonstrados em contextos de protestos antissistema (SILVA, 2021).

Diante dessa conceituação, em contextos de golpe de Estado, lideranças políticas com vínculo prévio à política tendem a se tornar lideranças políticas digitais. Esta hipótese pode servir como ponto de partida para futuras pesquisas e análises mais aprofundadas sobre o tema. É importante ressaltar que a complexidade dos processos políticos e sociais envolvidos na emergência de lideranças políticas digitais em

contextos de golpe de Estado exige uma abordagem multidisciplinar, que leve em consideração o contexto histórico e social específico de cada caso. A emergência de lideranças políticas digitais em contextos de golpe de Estado pode ser explicada por alguns fatores. O primeiro é o contexto de crise de representação, em que a desconfiança nas instituições políticas e a percepção de que os representantes eleitos não atendem aos interesses da população criam um vácuo de poder, que pode ser ocupado por lideranças carismáticas e populistas (SILVA, 2021). O segundo é o contexto da legitimação do golpe, em que, através de discursos inflamados e da construção de um inimigo comum, essas lideranças podem contribuir para a legitimação do golpe de Estado (SILVA, 2021). O terceiro é o fato de contornarem as instituições: as redes sociais permitem que essas lideranças evitem as instituições tradicionais de comunicação e política, estabelecendo um canal direto com seus seguidores e influenciando a opinião pública.

Vale ressaltar ainda que as redes sociais facilitam a disseminação de notícias falsas e informações manipuladas, o que pode influenciar, instigar a opinião pública e legitimar narrativas extremistas. Convém acrescentar que as lideranças políticas digitais que emergem em contextos de golpe de Estado geralmente possuem um perfil populista, com discurso antissistema, além de causar impacto na democracia, enfraquecendo as instituições e aumentando a violência política contra grupos minoritários.

Em síntese, Luiz Fernando Camacho Vaca, Marco Antonio Pumari Arriaga e Jeanine Áñez Chávez podem ser considerados lideranças políticas digitais emergentes. Sendo assim, iremos evidenciar a instigação de Luiz Fernando Camacho Vaca no golpe da Bolívia em 2019 por meio de suas redes sociais digitais, especificamente pela rede social conhecida como Twitter, atualmente chamada X.

Dado que as evidências apontam nessa direção, Camacho organizou, por meio de sua rede social X, o início das manifestações cívicas em 22 de outubro de 2019. Em 2 de novembro de 2019, ele impôs a Evo Morales um prazo de 48 horas para renunciar. Em 4 de novembro, Camacho anunciou que levaria a carta de renúncia de Evo até La Paz. Em 9 de novembro, grupos ligados a Camacho tomaram o Canal Estatal Bolívia TV, em La Paz. Em 8 de novembro de 2019, Camacho postou em sua rede social apoio ao motim da polícia em Potosí, que aderiu ao movimento fascista. Por fim, em 12 de novembro, a senadora Jeanine Áñez se autoproclamou presidenta da Bolívia em um ato repleto de irregularidades constitucionais, com o apoio das elites nacionais e das instituições

de segurança do Estado, caracterizando um golpe cívico (MARTHA RAQUEL, 2022; RAMIREZ, PAULO NICCOLI, 2023; ANSELMO ANEGUE, 2022).

3. Metodologia

A presente pesquisa utiliza uma metodologia mista, combinando análise de conteúdo de forma qualitativa e quantitativa. O foco é examinar o conteúdo discursivo das publicações nas redes sociais digitais, especificamente no Twitter/X, feitas por Luis Fernando Camacho Vaca, Marco Antonio Pumari Arriaga e Jeanine Áñez Chávez. O período analisado vai de 20 de outubro de 2019, data das eleições na Bolívia, até 9 de novembro de 2020, quando Evo Morales retornou ao país após a vitória de Luis Arce, candidato à presidência pelo Movimento ao Socialismo (MAS).

O banco de dados foi coletado manualmente a partir da rede social Twitter/X e organizado em uma planilha com informações como: data, categoria, conteúdo do tweet, tradução e URL. Esses dados foram analisados com o auxílio do Excel. Para compreender o contexto da crise política na Bolívia e organizar os discursos presentes nas publicações, foram desenvolvidas categorias com base na análise de conteúdo sobre uma revisão teórica sobre populismo, crise de representação e o papel das redes sociais digitais na construção de lideranças políticas. Essas categorias foram elaboradas a partir de critérios que permitiram identificar e classificar os principais discursos promovidos por Camacho, Pumari e Áñez durante o período analisado. As categorias criadas incluem:

- Discurso Antissistema: Esta categoria foi concebida para identificar retóricas que deslegitimam as instituições democráticas. A classificação dos tweets seguiu o critério de desafiar diretamente a integridade dessas instituições, seja ao sugerir corrupção sistêmica ou ao promover a ideia de colapso institucional.
- Discurso Personalista: Focado na exaltação da figura do líder, esta categoria agrupa publicações que constroem uma imagem centralizadora e carismática, muitas vezes associando o líder como a "única solução" para os problemas enfrentados pela Bolívia. A classificação considerou frases que enfatizam o culto à personalidade.
- Discurso Anti-partido: Voltada para a rejeição aos partidos políticos tradicionais, esta categoria foi aplicada a tweets que criticavam diretamente a atuação e a

legitimidade dos partidos, responsabilizando-os por crises políticas e econômicas.

- Discurso de Inimigo Comum: Esta categoria foca na construção de um adversário central, identificado como Evo Morales. Os tweets que enquadram Morales como uma ameaça à democracia boliviana foram classificados aqui, especialmente aqueles que responsabilizam sua figura por crises institucionais.
- Discurso do Mito da Miscigenação: A categoria analisa tweets que promovem uma narrativa de homogeneidade racial na Bolívia, apagando ou minimizando a diversidade étnica dos povos originários. A classificação focou em publicações que exaltam uma identidade nacional homogênea.
- Discurso Anti-indígena: Esta categoria foi desenvolvida para identificar retóricas discriminatórias, explícitas ou implícitas, contra povos indígenas da Bolívia. A análise considerou manifestações de desqualificação cultural ou política desses grupos, com base na teoria de racismo.

Após a definição dessas categorias, foi realizada a classificação dos tweets. Cada tweet foi codificado com base nos critérios estabelecidos, permitindo uma análise qualitativa e quantitativa dos padrões de discurso ao longo do período de estudo. A quantificação dos resultados permitiu identificar quais discursos se destacaram e como as diferentes lideranças utilizaram as redes sociais para moldar a percepção pública durante a crise política na Bolívia.

Este trabalho baseia-se em autores que discutem a emergência de novas lideranças políticas nas redes sociais digitais, os discursos que elas promovem e as questões raciais e étnicas na América Latina. A Bolívia, pioneira na construção de um Estado Plurinacional que reconhece a diversidade cultural e os direitos dos povos indígenas e originários, viu seus avanços ameaçados pelo golpe de 2019. A disseminação de discursos de ódio, facilitada pelas redes sociais, evidencia a importância de analisar o papel dessas plataformas em contextos de crise política. O caso boliviano, portanto, serve como um alerta sobre os riscos da manipulação da opinião pública e oferece uma oportunidade para pesquisadores interessados em compreender como as redes sociais são utilizadas para minar a democracia.

4. Discussão de resultados

Na análise de conteúdo de Luiz Fernando Camacho Vaca na rede social anteriormente conhecida como Twitter/X, Camacho postou 210 tweets entre 20 de outubro de 2019 e 9 de novembro de 2020. Em seu perfil oficial, ele se apresenta como “*Defensor de la Democracia. Padre; Abogado. Líder de Creemos. Expresidente del Comité Pro SC. Preso político desde el 28-12-2022*”. Após a redemocratização e as eleições de 2020 na Bolívia, passou a se intitular como “*Gobernador de Santa Cruz. Líder, Preso político desde el 28-12-2022*”. Dessa forma, Camacho reproduz um discurso que destaca uma possível luta por direitos civis e políticos, além da resistência contra qualquer forma de autoritarismo ou golpe. Assim, após a redemocratização, ele se posiciona como preso político em virtude de seu enfrentamento à repressão política. A descrição de seu perfil ajuda a entender a construção de sua figura política e a legitimação perante a opinião pública em um contexto de crise política e de representação (SILVA, 2021).

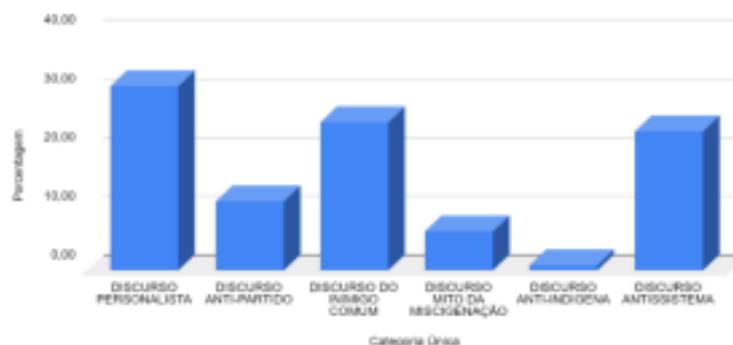
É importante notar que Camacho possui 282,3 mil seguidores, o que lhe confere alcance e instiga significativamente, impactando o comportamento da opinião pública e o discurso político e social. Ao analisar os tweets, conforme mostrado no Gráfico 1, percebe-se que Vaca apresenta 31,43% de discurso personalista, seguido por 25,24% com discurso do inimigo em comum, 23,81% de discurso antissistema e 11,90% de discurso anti-partido.

Entre 20 de outubro de 2019 e 9 de novembro de 2020, Camacho produziu um discurso extremamente personalista, influenciando a opinião pública com um discurso antissistema voltado para as instituições democráticas, além de discursos coercitivos direcionados ao inimigo comum, Evo Morales, e seu partido. Não menos importante, ao analisar os discursos sobre o mito da miscigenação e o anti-indigenismo, observa-se que 7,62% de suas postagens revelam que o golpe de Estado na Bolívia em 2019 foi conduzido também por uma narrativa racista (MARTHA RAQUEL, 2022).

Jeanine Áñez Chávez, por sua vez, postou 163 tweets entre 20 de outubro de 2019 e 9 de novembro de 2020. Em seu perfil oficial, Áñez Chávez se apresenta como “*Ex Presidenta Constitucional de Bolivia, Orgullosa mamá de Carolina y José Armando, Presa Política*”. Assim, Áñez reproduz um discurso que enfatiza a importância da família, humanizando sua narrativa, além de destacar sua luta pela democracia enquanto ex-presidente e presa política.

Destaca-se que Áñez possui 387 mil seguidores em seu perfil oficial. Entre 20 de outubro de 2019 e 9 de novembro de 2020, como mostra o Gráfico 2, 40,49% de suas postagens são de discursos personalistas, 34,97% de discursos do inimigo em comum, 16,56% de discursos antissistema e 6,13% de discursos anti-partido. Assim como Camacho, Áñez exerce grande instigação e impacto com suas postagens, influenciando a opinião pública e o discurso de forma coercitiva em relação a Evo Morales e seu partido, além de revelar seu discurso personalista e antissistema. Vale ressaltar que Áñez foi ex senadora do Estado Plurinacional entre 22 de outubro de 2010 e 12 de novembro de 2019, e presidente do Senado no período de 11 de novembro de 2019 a 12 de novembro de 2019, período em que apresentou discursos antissistema em sua carreira.

Gráfico 1: Análise de conteúdo de Luiz Fernando Camacho Vaca na rede social anteriormente conhecida como Twitter, atualmente chamada X



Fonte: Pesquisa Liderança Políticas Digitais. Elaboração própria

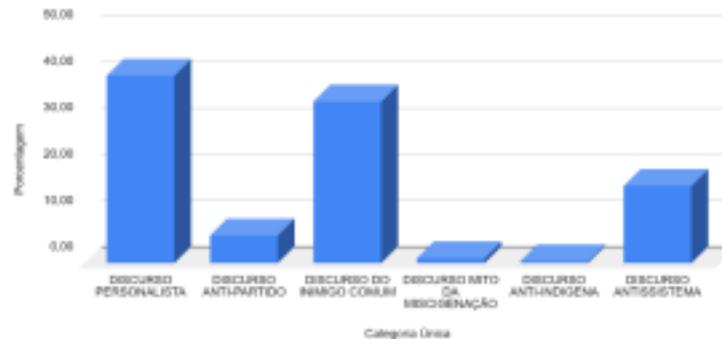
Por outro lado, Áñez possui 1,23% de seus tweets de discurso do mito da miscigenação e 0,61% de discurso anti-índigena. Porém, segundo Martha Raquel Rodrigues:

“À época, foram recuperados tweets de Añez de cunho racista contra indígenas da Bolívia. A Agência de notícias Agence France-Presse (AFP) atestou a veracidade dos tweets publicados em junho de 2013 e outubro de 2019. De acordo com a agência, Añez publicou (em tradução livre) “Que ano novo Aymara nem estrela da manhã!! satânicos, ninguém substitui Deus” e uma charge sobre Morales com os dizeres “últimos dias”, e legenda “pobre índio agarrado ao poder”.

“Uma outra publicação de novembro de 2019 questiona a ancestralidade de indígenas apoiadores de Morales por utilizarem calças jeans. A autoproclamada presidenta questiona se as roupas e sapatos utilizados pelos manifestantes são “nativas”. (RODRIGUES, 2022, p. 151-154)

Isto posto, aparenta haver uma desconexão entre o percentual dos discursos identificados e os conteúdos recuperados, que revelam um discurso extremamente anti indígena e de cunho racista. É possível teorizar que Áñez tenha mudado seu discurso com a finalidade de unir a Bolívia, mantendo seu discurso do mito da miscigenação para esse fim.

Gráfico 2: Análise de conteúdo de Jeanine Áñez Chávez na rede social anteriormente conhecida como Twitter, atualmente chamada X

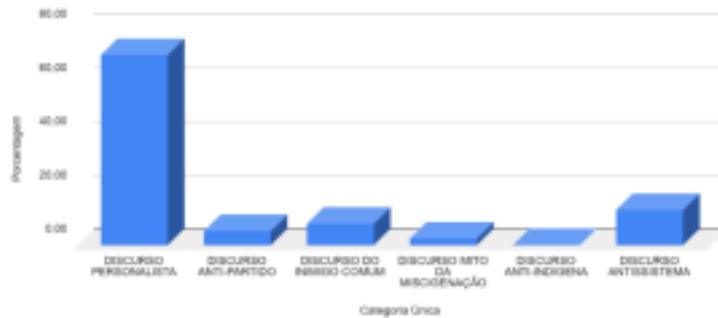


Fonte: Pesquisa Liderança Políticas Digitais. Elaboração própria

Isto posto, aparenta haver uma desconexão entre o percentual dos discursos identificados e os conteúdos recuperados, que revelam um discurso extremamente anti indígena e de cunho racista. É possível teorizar que Áñez tenha mudado seu discurso com a finalidade de unir a Bolívia, mantendo seu discurso do mito da miscigenação para esse fim.

Não menos importante, Marco Antonio Pumari possui 125 mil seguidores, tendo postado 38 tweets entre 20 de outubro de 2019 e 9 de novembro de 2020. Na descrição do seu perfil, Pumari se descreve como “*Ex Presidente del Comité Cívico Potosinista COMCIPO*”, uma organização de extrema direita e afiliada ao Comitê Cívico de Santa Cruz, responsável por liderar ataques em Potosí contra manifestantes camponeses pró MAS. Pumari também concorreu nas eleições de 2020 como candidato a vice-presidente de Luis Fernando Camacho Vaca.

Gráfico 3: Análise de conteúdo de Marco Antonio Pumari Arriaga na rede social anteriormente conhecida como Twitter, atualmente chamada X



Fonte: Pesquisa Liderança Políticas Digitais. Elaboração própria

No Gráfico 3, observa-se que Pumari possui 71,05% de discurso personalista, seguido por 13,16% de discurso antissistema, 7,89% de discurso do inimigo em comum, 5,26% de discurso antipartido, enquanto possui 2,63% de tweets com discurso do mito da miscigenação e 0,00% de discurso anti-indígena. Podemos teorizar que, em virtude de sua origem indígena, Pumari não adota discurso anti-indígena; no entanto, a manutenção do discurso do mito da miscigenação pode refletir uma tentativa de se posicionar de maneira política ou social, buscando apelar a um público mais amplo ou alinhar-se a determinadas ideologias.

5. Considerações Finais

A análise apresentada ao longo deste estudo sobre as lideranças políticas digitais no contexto do golpe de Estado na Bolívia, em 2019, revela a complexidade das dinâmicas sociopolíticas e étnicas que permearam o cenário político do país. A emergência de figuras como Luis Fernando Camacho Vaca, Jeanine Áñez Chávez e Marco Antonio Pumari Arriaga como lideranças políticas digitais demonstra como essas personalidades utilizaram as redes sociais para mobilizar setores conservadores e instigar a opinião pública, legitimando narrativas de contestação eleitoral e de oposição a Evo Morales e ao Movimento ao Socialismo (MAS).

No entanto, o presente estudo apresenta algumas limitações que merecem ser destacadas. Em primeiro lugar, a análise de dados das redes sociais foi limitada, pois as restrições impostas pelo Twitter/X geraram desafios significativos para a coleta de dados, limitando o acesso a informações mais profundas que poderiam trazer novas camadas de entendimento sobre o presente tema. Em segundo lugar, o apagamento das interações dessas lideranças em suas redes sociais, seja por meio da exclusão de postagens

ou pela suspensão de contas, dificulta a análise de suas estratégias de mobilização e engajamento digital de maneira contínua e ampla. Com base nessas limitações, futuras pesquisas poderiam avançar em diversas direções. Um próximo passo importante seria realizar uma análise comparativa com outros contextos de golpes de Estado ou crises políticas na América Latina.

Por fim, este estudo sugere que o fenômeno das lideranças políticas digitais em contextos de golpe de Estado, como no caso boliviano, deve ser analisado com atenção, uma vez que essas figuras utilizam as plataformas digitais não apenas para mobilizar apoiadores, mas também para estruturar narrativas que enfraquecem as instituições democráticas. Além disso, é fundamental aprofundar o entendimento sobre como o racismo, o mito da miscigenação e o preconceito contra povos indígenas se entrelaçam com as dinâmicas de poder e as estratégias políticas digitais, especialmente em momentos de crise. O impacto dessas lideranças na legitimação de golpes de Estado e no retrocesso dos direitos civis e políticos, especialmente de minorias étnicas, continua sendo um tema de extrema relevância para a ciência política e para a defesa das democracias na América Latina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Polên, 2021.

SILVA, Joscimar Souza. **Surfando na crise de representação e nos valores: lideranças políticas emergentes e mídias sociais digitais na América Latina**. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2021.

RAMIREZ, Paulo Nicooli. **O golpe de 2019 na Bolívia: imperialismo contra Evo Morales**. Porto Alegre: Coragem, 2023.

RODRIGUES, Martha Raquel. **O racismo no Golpe de Estado de 2019 na Bolívia: registros entre 20 de outubro e 14 de novembro**. In: O pensamento crítico latino americano e as alternativas no enfrentamento da crise do capitalismo contemporâneo, v. 15, n. Especial. 2022.

OLIVEIRA, Felipe dos Santos. **Bolívia: a questão indígena, a ascensão de Morales e o golpe neoliberal.** In: Soberania no Bicentenário da Independência, v. 2, n. 1, p. 07. 2023. Publicado em 07 mar. 2023.

COSTA, Luiza Calvette. **O golpe (é) de Estado: o caso do golpe de 2019 na Bolívia.** Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados sobre as Américas) – Universidade de Brasília, Brasília. 162 f. 2022.

BURGOA, Karla Regina Alves. **Discurso midiático e eleições de 2019 na Bolívia: análise de como o portal Página Siete contribuiu para a construção de um golpe de Estado.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 49 p. 2023.

NASCIMENTO, Anselmo Anegues do. **A crise política boliviana de 2019 retratada no El País: um estudo sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB. 69 f. 2022.

CEPP, Natalia; MARTÍNEZ, Carolina. **Bolivia: todo pasa, todo llega, todo acaba. Las elecciones presidenciales de 2020.** El regreso del MAS. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*, versão impressa, ISSN 2525-1112, v. 5, n. 10, p. 63-75, jul./dez. 2020.